

2009

n. 07- 08/ julho-agosto

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



Acima de tudo, o amor...



da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM
tel. 06/87.274.1
fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti – Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud
japonês - inspetoria japonesa
inglês - Louise Passero
polonês - Janina Stankiewicz
português – Maria Aparecida Nunes
espanhol - Amparo Contreras Alvarez
alemão - inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Tradução do original Italiano para a Língua Portuguesa
n. 07-08_ julho-agosto_2009

Sumário

EDITORIAL	Quem ama...	4
DOSSIÊ	<i>O amor, acima de tudo</i>	5
 <i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
AS MULHERES NA PALAVRA	<i>A estrangeira das migalhas</i>	9
VIDA CONSAGRADA E...	<i>O serviço de autoridade</i>	10
ECUMENISMO	<i>Testemunhas da unidade</i>	12
FILO DE ARIADNE	<i>Primeiro escutar</i>	13
 <i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>Solidariedade a mãos cheias</i>	17
PASTORAL-MENTE	<i>Precariedade... até quando?</i>	18
POLIS	<i>O desaparecimento dos fatos</i>	20
 <i>Comunicação: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
JOVENS.COM	<i>Twittermania?</i>	22
ESTANTE SITES	<i>Resenha sites Web</i>	24
VÍDEO	<i>Quem quer ser um milionário?</i>	24
ESTANTE	<i>Resenha vídeos e livros</i>	26
O LIVRO	<i>Os efeitos secundários dos sonhos</i>	27
CAMILLA	<i>Tempo de comunicar</i>	29

Quem ama...

Giuseppina Teruggi

A escolha de viver a espiritualidade de comunhão, prioritária no CG XXI, encontra continuidade no tema do amor, do qual somos chamadas a ser sinal e expressão, e que distingue os caminhos pessoais e comunitários destes anos. "O amor cresce através do amor", observa Bento XVI. É necessário por isso exprimi-lo nos gestos cotidianos, que são os *sinais* verdadeiramente compreensíveis às pessoas. Um sinal que convence é ser, juntamente com o estilo do "cenáculo aberto", da casa acolhedora, espaço para crescer em humanidade, lugar onde se agiliza um processo de contínua conversão ao amor.

Esta edição da Revista volta a insistir que *acima de tudo está o amor*. Começando pelo dossiê e passando pelas várias rubricas, é declinada a realidade do amor com a descrição de alguns dos seus componentes, quase para completar no hoje aquele *Hino da caridade* de que o apóstolo Paulo ofereceu as diretrizes, na carta aos cristãos de Corinto.

Quem ama cultiva a esperança que resiste às frustrações, às dificuldades, aos insucessos. Trata-se de uma *capacidade de resiliência* que não é apenas habilidade para resistir ao que é adverso, mas atitude confiante diante da vida e da história.

Quem ama busca a unidade e não tolera as divisões. Muitas vezes são os pequenos a nos lembrar isto, como Fátima, uma menina de 11 anos quando escreve: "Na cidade onde vivo, há pessoas de todo lugar... Eu sonho um mundo onde cada qual possa viver com os seus princípios, respeitando-se mutuamente, um mundo no qual os pobres desapareçam".

Quem ama escolhe a solidariedade. Como Instituto, insiste-se muito hoje sobre as escolhas de economia solidária que coloca ao centro, não a preocupação com as vantagens e o lucro, mas a pessoa, a vida em abundância para todos, a vida segundo o evangelho.

Quem ama vive a missão como serviço. Nesta edição do DMA fala-se sobretudo em relação a quem tem um mandato de autoridade, um chamado a promover, em primeiro lugar, a dignidade da pessoa na estima, na confiança, na caridade.

Quem ama sabe escutar. A escuta é uma habilidade preciosa: permite colocar-se no lugar do outro, pôr-se em atitude de acolhida sem preconceitos, privilegia a disponibilidade. A escuta é uma dimensão do coração.

Quem ama realiza boas comunicações, também por meio das antigas e das novas tecnologias, que podem se tornar instrumentos de "relações renovadas e promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade" (*Mensagem GM Comunicações Sociais 2009*).

gteruggi@cgfma.org

Cenáculo aberto: Acima de tudo, o amor

Julia Arciniegas

Maria Antonia Chinello

A *Programação do Sexênio 2009-2014*, que já foi entregue a todo o Instituto, assinalará os caminhos pessoais, das comunidades educativas locais e inspetoriais dos próximos anos.

«Junto com Maria, Mãe da Igreja nascente, que acompanhou os apóstolos na expectativa do Espírito e na missão evangelizadora, renovamos a consciência da necessidade e do valor da comunidade educativa». Introduce-se assim o 4º Caminho de conversão ao amor, que continua: «Reconhecemos que a comunidade educativa é um sinal que torna visível o amor de Deus e que somos chamados a acreditar que o amor é mais eficaz quando o testemunhamos juntos, propriamente como “comunidade”, casa e escola de comunhão». (*Programação do Sexênio, 21*).

O Pentecostes e o dom da caridade – A transformação experimentada pela comunidade dos apóstolos, reunida com Maria no Cenáculo, tem uma única explicação: Jesus cumpriu a promessa de permanecer com os seus para sempre. Derramou o seu Espírito no coração daqueles que, mesmo não crendo em profundidade, haviam escutado a sua palavra e partilhado o pão com Ele. Pentecostes realizou o milagre de reduzir toda resistência e de fazer com que aquelas pessoas medrosas e desanimadas recebessem uma força vinda do alto. A força da caridade, o fogo do amor que o Espírito Santo derramou em seus corações como primeiro dom de Cristo Ressuscitado. Esta presença nova do Senhor em suas vidas infunde também a coragem de amar os outros com gratuidade total.

A caridade é o vínculo da comunhão. O fruto do Espírito é amor fraterno, alegria, paz, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si (cf Gal 5, 18-22.25).

O amor aos outros realiza-se em primeiro lugar no interno da comunidade educativa. “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei... Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34).

A efusão do Espírito, acompanhada pelo vento e pelo fogo, enche toda a casa e os apóstolos começam a falar em outras línguas, anunciando a boa notícia da ressurreição de Cristo. Trata-se de um verdadeiro batismo de fogo da comunidade (cf Mt 3,11), uma espécie de nova criação (cf Atos, 18). Este fogo tem a missão de transformar aqueles que devem difundir por todas as nações, a mesma linguagem, a linguagem do amor de Deus por cada pessoa, visível no rosto, na vida de Jesus de Nazaré.

A imagem do fogo, usada com frequência por São João da Cruz para descrever os processos da vida no Espírito, sugere que é sempre o mesmo amor que age e ilumina.

O amor de Cristo é aquele “fogo interior” que dá força e paixão, sustenta na fraqueza e aumenta a energia, confere vivacidade e criatividade ao nosso amor. A comunidade educativa que se deixa transfigurar por este fogo torna-se sinal do amor de Deus, através da partilha, da colaboração e da corresponsabilidade na missão comum.

Converter-se e crer no Evangelho - O Capítulo chamou-nos à conversão e à adesão incondicional ao Evangelho para ser pessoas e comunidades transfiguradas. Os dois verbos são complementares: expressam um único foco principal: abandonar a direção errada da própria vida e encaminhá-la para Deus. As duas expressões encontram-se no início da pregação de Jesus. Marcos no princípio do seu evangelho relata assim o desenrolar do ministério de Jesus: “Cumpriu-se o tempo e o reino de Deus está próximo, convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14-15).

Deus não está longe, fez-se próximo e a sua presença agora é experimentável e perceptível em nossa vida. Se Deus está presente, é inevitavelmente necessária uma inversão de rota, uma conversão: abandonar os ídolos que preenchem a nossa vida, o nosso orgulho, o nosso eu.

Crer no Evangelho significa crer na notícia, no anúncio do amor de Deus que em Jesus está ao nosso lado, reorganizando toda a vida numa atitude de confiança e de abandono nele.

Nossa vida está cheia de coisas para fazer, de compromissos a cumprir, de prazos para respostas, de responsabilidades a prestar contas. São empenhos materiais e espirituais, organizações, nomeações, eventos... É preciso porém que tudo seja regido interiormente por um amor infinito.

Quando Jesus enviou os seus discípulos a pregar, pediu-lhes para não levar pelo caminho nada a não ser as sandálias e o bastão. Fora disso, nada (Mt 10, 10). Tudo o que impede anunciar e viver o amor torna-se um empecilho pois subtrai energia e tempo. Tudo o que é penetrado pelo amor não morre porque o amor do Pai dura sempre.

Tornar visível o amor preveniente – O amor cresce através do amor, escreve o Papa em sua primeira Encíclica, *Deus é amor* (n. 18). O Cenáculo não é uma morada permanente, mas uma base de lançamento. Maria, presente naquele lugar com os discípulos, ajuda-os a escancarar as portas, a viver a experiência do êxodo e a pôr-se a caminho. “A primeira evangelizada tornou-se a primeira evangelizadora. Levando Jesus aos outros, Ela oferece o seu serviço, é portadora de alegria, faz experimentar o amor. A solicitude no caminho para Ain Karim e a intuição atenciosa nas núpcias de Caná revelam o estilo empreendedor, decidido e criativo de Maria ao dar sinais de amor concreto e solidário (Atos 33).

A visibilidade do amor requer busca contínua, um incessante ir e vir para que os sinais falem e as palavras sejam verdadeiras e grávidas de vida.

A comunidade é um cruzamento de vidas que se entrelaçam, onde mãos se estreitam para encontrar força: como diz um provérbio do Quênia: “Se queres andar depressa vai sozinho. Se queres chegar longe caminha junto”.

Há alguns anos atrás, a CII, (*Conferência Interinspetorial Italiana*) refletiu sobre a comunidade educativa como um ícone de múltiplas vocações. A Trindade foi o pano de fundo do trabalho: com mil fragmentos de cada rosto, compõe-se o rosto do Deus que é amor, dom e salvação, o amparo de todos.

Uma carta pastoral de Monsenhor Giancarlo Bregantini, quando era bispo de Locri, identifica o significado da palavra comunidade e os significados profundos que encerra. A comunidade educativa é um “nós” que nasce da experiência profunda de estar “unidos” pela mesma missão. A comunidade é fruto de relações profundas, de “comunicações” intensas que se entrelaçam no interno e no externo do seu ser e existir. *Sente-se a comunidade* assim como *se reconhece a si mesmo na comunidade*. “Comunhão”, “comunicação”, “comunidade” têm uma derivação idêntica. Em grego *koinós* quer dizer “comum”; donde *koinonia*, comunhão. Em latim comum quer dizer *cum-munus* (dom vivido e partilhado) e *com moenia* (defesa).

A experiência de comunidade é contemporaneamente um *dom*, um pão partido que se reparte, gerando missionários entre os povos; e, ao mesmo tempo, tem necessidade de ser *defendida* em sua verdadeira identidade, definir os seus limites e as suas regras. Ambos os aspectos, *dom* e *defesa*, são necessários para ser comunidade, mas requerem equilíbrio dinâmico para ser interpretados e vividos.

Realmente, uma comunidade em que os elementos de defesa fossem muito acentuados, não seria capaz de abrir as portas ao serviço do próximo e do distante, nem de acolher os estímulos, as solicitações, a colaboração dos outros. Mas também uma comunidade totalmente desequilibrada quanto à sua abertura correria o risco de perder seus contornos e sua identidade.

É esta a fadiga cotidiana que as comunidades experimentam: viver o difícil equilíbrio entre o *dom* e a *defesa* da identidade. Somente comunidades animadas por um grande amor aos jovens e à sua salvação sabem abrir-se e repensar-se em torno da missão. Unicamente o amor à missão vivido em comunidade ajuda a redefinir os limites, a abrir espaços para crescer juntos.

A comunidade é espaço para crescer no amor e viver o amor – O crescimento pessoal e comunitário implica aderir ao projeto de amor que Deus tem sobre cada pessoa em particular e sobre a missão que Ele mesmo confia a todas juntas. Nesta perspectiva A. Grün vê a comunidade como um lugar em que se pode realizar aquela troca que ativa um processo de conversão à plenitude do amor. Na comunidade cada membro acolhe a riqueza de dons e de

talentos de todos os demais membros, mas defronta-se cotidianamente com conflitos e tensões, como a eventual crítica dos outros. Tudo isso pode tornar-se um potencial criativo para aprofundar sempre mais o conhecimento pessoal e a gestão da própria vida.

Temos necessidade da mediação do outro, para amar-nos e aceitar-nos reciprocamente, para aprender a amar. Dar e receber gratuitamente é o dinamismo do amor verdadeiro. Um amor liberto, capaz de existir e de durar sem ser condicionado pela resposta ou pelo mérito daqueles aos quais é oferecido. Dar gratuitamente segundo o estilo de Deus. Receber gratuitamente, confiando em todos aqueles que se prestam a doar, com um coração aberto e disponível a acolher.

Maria, mestra do acompanhamento recíproco, ensina estas atitudes. Ela, habitada pelo fogo do Espírito, cuida dos amigos de seu Filho, espera junto com eles a hora anunciada por Jesus e se torna Mãe da primeira comunidade missionária (cf *Atos*, 33-35).

O amor fecundo – A comunidade é um coral que se constrói no dom e na reciprocidade. É uma arte da comunhão que reconhece no dirigente, uma autoridade que se faz serviço e nos membros, irmãos e irmãs com os quais trabalhar junto.

Na carta de Paulo a Filêmon é possível encontrar a dialética do serviço de autoridade e da obediência: servir com liberdade para acompanhar e, juntos, converter-se ao amor.

Sobre esta carta, pouco mais que um bilhete escrito de próprio punho pelo apóstolo, concentrou-se a reflexão que as quatro Casas dependentes da Superiora geral realizaram e ofereceram à Madre por ocasião da festa da Gratidão, celebrada em Damasco.

Fica claro, de imediato, o apelo ao tema do Capítulo: a conversão ao amor com a adesão radical às exigências do Evangelho. O fato de ter-se entregue totalmente a Cristo torna Paulo capaz de amar. Um amor tão profundo que lhe permite “negociar a liberdade” de um escravo em nome do Cristo pascal. Confiou na transformação de Onésimo e agora faz-se ponte entre o patrão e o escravo; um papel de *acompanhamento* difícil e delicado, porque Filêmon está ligado ao apóstolo com profunda amizade. Paulo está pronto a assumir, a endossar as dívidas do escravo, porquanto o verdadeiro amor custa caro. O seu Mestre é Jesus: foi dele que aprendeu a medida pascal do amor.

Quais são os indicadores que assinalam o caminho de conversão ao amor?

- A *relação atenciosa com as pessoas*: as irmãs e os jovens, são dons de Deus para nós. Dons que pedem cuidado, respeito, responsabilidade.

- A *construção da comunidade é confiada a cada uma/um* em todo esforço de diálogo, colaboração na criação dos vínculos, tentativa de abertura ao diferente, ato de confiança na capacidade do outro, mas acima de tudo no amor forte e pessoal por Cristo.

- Saber *dar graças a Deus* pela caridade e pela fé que cada irmã tem no Senhor Jesus e pelo bem que realiza, reside na capacidade de admirar-se pelo trabalho de Deus em cada uma.

- *Acreditar nos outros, assim* como Deus acredita em nós: confiar nas irmãs e nos jovens também quando ocorre superar impressões negativas e preconceitos.

- A prática do *perdão como ato de amor evangélico* e *saber rezar pelos outros* sentindo realmente as suas necessidades para encontrar colaboradores na ação educativa e pastoral e conduzir a Cristo um maior número de irmãos/irmãs.

- A *respeitabilidade* no exercício da autoridade não aumenta com o uso da imposição, mas com a maturação da capacidade de gerar vida que dá ao outro, vida nova, favorecendo a comunhão com a própria vida de Deus.

Hoje, nas pregas da história, os jovens, os homens e as mulheres têm mais necessidade de gestos que de palavras, do nosso silêncio eloquente, do nosso sorriso que não julga, mas que exprime o amor: o amor do Pai que é mãe, irmão, irmã. O amor de uma Presença que se deixa habitar, assumindo em si o bem e o mal de quem está à sua frente, para viver e buscar juntos a esperança.

É somente no dar e no receber amor que se pesa a santidade da vida.

As palavras não bastam para comunicar o amor

Fale-me de Deus (Sérgio Tommasi)

Passando pelo campo pedi à amendoeira:

"Irmã amendoeira, fale-me de Deus!" ...e a amendoeira cobriu-se de flores.

Saindo no jardim pedi ao pássaro:

"Irmão pássaro, fale-me de Deus!" ...e o pássaro cantou feliz.

Entrando num bosque pedi às árvores:

"Irmãs árvores, falem-me de Deus!" ... e as árvores se movimentaram com o vento.

Saltitando pelos prados pedi à florzinha:

"Irmã flor, fale-me de Deus!" ...e a flor exalou o seu perfume.

Correndo na praia pedi ao mar azul:

"Irmão mar, fale-me de Deus!" ...e o mar empurrou uma onda sob os meus pés.

Olhando para o céu pedi às nuvens:

"Irmãs nuvens, falem-me de Deus!" ...as nuvens indicaram-me o sol.

Quem é Deus? Você o conhece?

Pawel tem oito anos e vive com o pai, depois que ele se separou da mulher. É a idade em que se buscam respostas aos porquês da infância: que sentido tem a vida? Existe Deus e quem é Ele? O que é a alma? Um primeiro diálogo com o pai em torno destes temas sussurrados e incertos também na expressão, não o satisfaz. Eis que, então, dirige-se à tia Irene:

Pawel – Papai me disse que vivemos para facilitar a vida àqueles que virão depois de nós. Disse também que nem sempre conseguimos.

Tia Irene – Sim, nem sempre. Papai tem razão. Viver é a alegria de poder fazer alguma coisa pelos outros. Poder ajudá-los, existir... Veja, é como fazer uma pequena coisa a cada um, você se sente útil e, em seguida, tudo se torna claro. Há coisas grandes e pequenas. Hoje você gostou da lasanha e eu fiquei feliz. Viver é um presente! Um dom.

Pawel – Diga-me, tia, Papai é seu irmão, mesmo?

Tia Irene – Claro que sim, você sabe. O que realmente você quer me perguntar é: por que seu pai e eu somos diferentes?

Pawel – (concordou)

Tia Irene – Fomos educados numa família católica. Seu pai era um pouco menor que você quando descobriu que muitas coisas podem ser calculadas, medidas... e depois começou a pensar assim em todas as coisas. Desde então ficou com esta idéia. Às vezes não está completamente convencido, mas não quer admitir isso. Certamente, parece mais razoável o seu modo de ver a vida... mas isto não significa que Deus não exista, também para o seu pai. Compreende?

Pawel – Não muito.

Tia Irene – Deus existe. É muito simples, se cremos nessa verdade.

Pawel – E você acredita que Deus existe?

Tia Irene – Sim.

Pawel – Quem é? Você sabe?

Tia Irene – (abraça-o): Diga-me o que está sentindo agora?

Pawel – Eu a quero bem.

Tia Irene – Exato! E Ele está nisto!

(do *Decálogo Uno*, de Krzysztof Kiewslowski)

Para a partilha comunitária

O 4º caminho de conversão ao amor proposto na *Programação do Sexênio 2009-2014* empenha a “acompanhar os processos relativos à identidade fma, à comunidade educativa aberta aos novos desafios, à interculturalidade do Instituto”. Em particular, pede para “viver e promover a identidade de fma ajudando a ressignificar as comunidades na fidelidade ao evangelho e ao carisma, para responder às urgências de uma educação evangelizadora à luz da Doutrina social da Igreja”. Em um encontro poder-se-ia refletir sobre as condições necessárias à comunidade para viver o equilíbrio entre o *dom* e a *defesa* de sua identidade.

-Como assegurar tempos e momentos para refletir, rever as experiências da comunidade e reelaborá-las à luz do Evangelho?

-Como escutar e dialogar para gerar corresponsabilidades?

-Como estar atentas à demanda educativa para não desistir e educar a esperança e à esperança?

-Como assegurar um trabalho coral mais intenso de modo que exista planejamento, continuidade, valorização da contribuição de todos?

-Como o serviço de autoridade pode definir com clareza os deveres de cada uma para confiar responsabilidades, monitorar a vida, reorganizar os recursos?

-Como arriscar juntos a novidade da missão, nas incertezas do tempo presente?

AS MULHERES NA PALAVRA

A estrangeira das migalhas – *Elena Bosetti*

O que não está disposta a fazer uma mãe pela sua filha doente? O que não está disposta a sofrer? A mulher cananeia não se rende diante do silêncio de Jesus, corre atrás dele, alcança-o, joga-se aos seus pés e lhe suplica: «Senhor, ajude-me!» (Mt 15, 25).

Os Evangelhos de Marcos e de Mateus deixam entrever um certo crescimento na missão de Jesus, ligado não tanto a fatores de caráter histórico ou político, quanto, ao invés, à progressiva revelação da vontade do Pai.

Jesus manifesta em primeiro lugar a consciência de ter sido enviado «às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 10,6; 15,24). Tem pena da multidão, «cansadas e prostradas como ovelhas sem pastor» (Mt 9,36), alimenta-as com as palavras e o pão da vida, gratuitamente prepara uma mesa festiva sobre a erva verde, sinal luminoso do seu ser «que veio para que tenham vida e vida em abundância» (cf Jo 10,10).

Jesus sustenta em primeiro lugar Israel, mas não se detém na margem hebraica. Atravessa o lago da Galileia e multiplica o pão em outra margem, a pagã. É interessante notar como concretamente foi uma mulher, e mais que isso, uma mulher pagã, que provocou esta abertura universal de sua missão: uma «cananeia» segundo Mateus, uma «mulher grega, de origem cirio-fenícia», especifica Marcos (7, 26).

Pão para todos – A mulher provavelmente havia pensado que um homem como Jesus, que não tinha medo de entrar em território pagão, estivesse disposto a ajudar a todos. Ele, ao invés, lhe diz: «Não é bom tirar o pão dos filhos e dá-lo aos cachorrinhos». Poderia ter-se ofendido.

Jesus usa uma frase proverbial que a mulher conhecia muito bem, mas que decerto não esperava escutá-la de seus lábios. Em linguagem metafórica estava lhe dizendo que os hebreus são os «filhos» e que os gentios, aos quais ela pertencia, são os «cachorrinhos». O diminutivo atenua a dureza mas não muda a substância. Os cães eram considerados pelos hebreus como animais impuros e desprezíveis (cf 1 Sam 24,15; Pr 26,11). Mas esta mulher não se ofende, não retrocede. Objeta, ao invés, com uma contra-metáfora: *«os cachorrinhos comem pelo menos as migalhas que caem da mesa...»*.

Com uma boa dose de perspicácia e teimosia, a círio-fenícia inverte a perspectiva a partir de sua cultura e da relação diferente com os animais em cena: os cachorrinhos. Ela, diversamente dos hebreus, não considera os cães como se fossem animais impuros, e portanto podem tranquilamente entrar em casa e ficar debaixo da mesa... quem tem razão? Não é esta a questão. Mas, como não admitir que há pão para todos à mesa de Deus? Como negar as migalhas da superabundante misericórdia divina?

Seja feito como você quer – Jesus fica impressionado com esta lógica ousada. A mulher argumentou bem sua conversa, ela é a vencedora nesta disputa verbal. Jesus aceita sua palavra (*logos*) e a reconhece poderosa: *«por esta palavra, vá, o demônio saiu de sua filha»* (Mc 7,29). Palavra poderosa porque plena daquela energia vital que é a fé, como transparece na redação de Mateus: *«Mulher, grande é a sua fé; seja feito como você quer»*.

A insistência desarmada daquela estrangeira obtém não só a migalha implorada (a salvação de sua filha), mas muito mais: a multiplicação do pão também aos pagãos. Jesus avança decididamente nesta direção: opera curas e salvação para além das fronteiras de Israel.

O relato prossegue com a cura de um surdo-mudo no território da Decápole, na margem oriental do lago de Tiberíades, não habitada por hebreus (cf Mc 7, 31-37). Jesus chama à parte o surdo-mudo, coloca os dedos em seus ouvidos, toca-lhe a língua com a própria saliva e depois, elevando os olhos ao céu, suspira e diz: *«Effata!»* isto é *«Abre-te!»*. É evidente a alusão simbólica. Também os pagãos, surdos e mudos diante da Palavra de Deus, recebem a possibilidade de tornar-se «filhos» em uma relação dialógica que inclui a capacidade de escutar e de falar. Há pão em abundância, também para eles. A mulher círio-fenícia enxergou bem: a mesa de Deus é grande, nela há pão para todos, para os filhos e para os cachorrinhos!

VIDA CONSAGRADA E...

O serviço de autoridade – *Martha Séide*

“No passado, o exercício da autoridade era facilitado por um clima cultural que dispunha o religioso a uma obediência cega.

**Hoje, muitas coisas mudaram e
requer-se aos superiores não tanto o poder,
quanto a respeitabilidade que deriva
do colocar-se ao serviço da fraternidade e da missão:**

**uma purificação oportuna,
que está conduzindo a situação de pobreza do momento presente”.**

(Pier Giordano Cabra)

Com esta afirmação, mesmo sintética, padre Cabra, um dos maiores especialistas em vida consagrada, introduzia-nos, ao alvorecer do novo milênio, no debate acirrado sobre a problemática autoridade-obediência. De fato, o serviço de autoridade nunca foi um dever fácil na história da Igreja e da Vida Consagrada. Todavia, nestas últimas décadas, com as mudanças culturais verificadas foi amplamente reconhecido, não somente na sociedade mas também nos Institutos e nas comunidades, que este tema requer uma particular reflexão.

Ao considerar o exercício da autoridade percebe-se com frequência a polarização de dois excessos evidenciados de modo magistral pelo notável teólogo jesuíta latino-americano José Maria Guerrero na revista da Clar (março-maio de 1999). A vida consagrada – observa, em síntese, P. Guerrero – não tem necessidade de pessoas autocráticas e dominadoras que se sentem investidas de uma vocação messiânica para guiar de maneira despótica os irmãos e as irmãs, “mas nem mesmo de pessoas hesitantes, que têm medo dos próprios irmãos e só se preocupam em agradar, em vez de servir, pessoas que justificam o seu «deixar fazer» dizendo que «já têm idade» para saber aquilo que devem fazer, que não animam a comunidade nem a projetam para o futuro, pessoas que não buscam juntamente com a comunidade, não a colocam em confronto com o projeto comunitário elaborado por todos, nem se aproximam de cada membro para ouvi-lo, compreendê-lo, ajudá-lo a discernir sua própria missão, e corrigi-lo fraternalmente, quando fosse necessário”. Trata-se portanto de evitar toda forma de autoritarismo, abuso de poder ou delegação de poder no exercício do serviço de autoridade.

Jesus, servo obediente – De acordo com as indicações dos documentos que acompanharam o percurso da vida consagrada nestes anos, a Instrução *O serviço da Autoridade e a obediência 'Faciem tuam, Domine, requiram'*, da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, ao pensar o binômio obediência-autoridade, propõe-se reafirmar a relação peculiar com o Senhor Jesus, Servo obediente. Por outro lado, pretende ajudar a autoridade no seu tríplice serviço: a cada pessoa chamada a viver a própria consagração, para construir comunidades fraternas, para participar à missão comum. No fundo, é um apelo a retornar às raízes do termo «*auctoritas*» do verbo *augere* que significa amadurecer, crescer. Procurar submeter-se a cada vida para fazê-la crescer em plenitude.

A referência a Jesus servo obediente é um apelo a refundar a obediência de um lado, e a reevangelizar a autoridade, do outro. Trata-se de colocar constantemente em evidência o ancoradouro evangélico de tal modo que cada autoridade, a própria ou a dos outros, coloque-se a serviço para dar poder, libertar, valorizar, motivar e orientar, jamais para empobrecer, condicionar ou humilhar.

Estas atitudes são evidenciadas de modo magistral no documento, quando apresenta as prioridades da autoridade religiosa na lógica evangélica. A autoridade é chamada a ser em primeiro lugar *autoridade espiritual*, apta a servir a comunidade naquilo que o Espírito Santo sugere vez por vez, distribuindo a todos segundo os dons e segundo os carismas. Exige uma presença constante, capaz de animar e de propor, de lembrar as razões de ser da vida consagrada, de ajudar as pessoas a corresponder com uma fidelidade sempre renovada. Por isso torna-se uma *autoridade orante e garantia da oração*.

Acompanhar e promover – Além disso, *a autoridade promove a dignidade da pessoa humana*, lembrando que ela tem direitos e deveres, mas sobretudo exercitando a estima, o respeito e a caridade com cada uma delas. *A autoridade é chamada a acompanhar, infundir confiança e coragem nas adversidades e nas dificuldades*, a exemplo de Paulo e Barnabé, que exortavam os seus discípulos ensinando-os a “enfrentar muitas tribulações para entrar no Reino de Deus” (At 14, 22). Nesta perspectiva, o serviço de autoridade comporta a *capacidade de ser guardião e responsável do carisma* específico de cada Instituto religioso e, ao mesmo tempo, *promover o sentido da comunhão eclesial*. Finalmente, *a autoridade é chamada a acompanhar e a promover a formação permanente*, de modo a favorecer o crescimento da pessoa em cada etapa de sua vida.

Se a autoridade-obediência está ao serviço da comunidade e a comunidade ao serviço do Reino, diante dos múltiplos desafios atuais os que são chamados a exercer o serviço de autoridade têm o grave dever de coordenar de modo adequado as energias em vista da missão. Também aqui a Instrução nomeia alguns deveres considerados importantes no serviço de autoridade: em primeiro lugar o de encorajar a assumir as próprias responsabilidades e a cumpri-las; enfrentar as diferenças em espírito de comunhão; manter o equilíbrio entre as várias dimensões: missão e comunidade, atividades e oração etc.; cultivar a misericórdia do coração e o senso de justiça; promover a colaboração com os leigos.

Para concluir, podemos afirmar com José Maria Guerrero que “a autoridade não transforma uma pessoa em guardiã da observância, mas sim em educadora da caridade mediante a fidelidade incondicional e dinâmica ao projeto de Deus sobre cada um de nós e sobre todos, buscando-o com simplicidade de coração e com liberdade interior, implementando-o com paixão”.

ECUMENISMO

Testemunhas de unidade – Bruna Grassini

**O apelo à unidade dos cristãos
que o Concílio Ecumênico Vaticano II
propôs com apaixonado empenho,
ressoa com vigor sempre maior
no coração dos crentes.
O progresso do diálogo ecumênico,
que tem o seu fundamento no Verbo de Deus,
é um sinal de grande esperança
para a Igreja, hoje.
O crescimento da unidade entre os cristãos
é de mútuo enriquecimento para todos.
Ocorre olhar com alegria os progressos
até aqui obtidos, reconhecendo neles
um sinal da ação do Espírito
para louvar e agradecer ao Senhor.
(*Ut unum sint – Igreja na Europa*)**

A unidade da Igreja não é somente uma esperança. Ela já existe. Todavia, a unidade ainda não atingiu a sua plenitude visível.

Dizia João Paulo II: «O ecumenismo é o caminho para a unidade querida por Jesus».

É o compromisso de viver e acolher fielmente a ação do Espírito Santo que o Senhor deu à sua Igreja, no qual quer abranger todos os homens: «Um dom que vem do alto. Um só rebanho, um só Pastor».

Em um discurso à Cúria Romana, Paulo VI apresentava a Igreja Católica segurando pela mão os irmãos separados. É o gesto que exprime e realiza a fraternidade de uns para com os outros dos membros da única família humana, sob o olhar de Deus.

É assim que se tornam apóstolos, instrumentos de unidade entre os homens e com Deus.

Por ocasião do encerramento do Concílio Vaticano II, o Papa e o Patriarca Atenágoras I haviam trocado o beijo da paz e rompido o selo das excomunhões do passado. Eles se fizeram peregrinos, juntos, em nome do “Único Senhor”, num diálogo corajoso de compreensão e esperança.

Descobriu-se então uma Igreja que se acreditava desfeita. Clareava-se o horizonte para um novo relacionamento entre os crentes, unidos num verdadeiro caminho de reconciliação.

O caminho ecumênico – A comunhão é o coração do mistério da Igreja. O Papa João XXIII dizia: «É muito mais forte o que nos une do que o que nos divide». E Bento XVI, em Roma, na Basílica de São Paulo fora dos Muros, durante a oração pela unidade dos cristãos, sublinhava: «O caminho ecumênico é o caminho da Igreja. Quanta estrada há pela frente! No entanto não perdemos a confiança, ao contrário, com confiança crescente retomamos, juntos, o caminho».

Cristo nos precede e nos acompanha. Assim falou Bento XVI no Concílio Ecumênico polonês. Muito tem ainda a ser feito para sanar profundas e dolorosas divisões. Se os nossos corações e as nossas mentes são abertas ao espírito de comunhão, Deus ainda pode fazer milagres na Igreja recuperando os vínculos de unidade.

Por ocasião da assinatura da Declaração conjunta católico-luterana sobre a doutrina da “justificação”, muitas pessoas confidenciaram: «Pareceu-me que o Espírito Santo sobrevoasse esta Assembleia e que o peso das divisões tivesse sido aliviado». «Uma felicidade jamais experimentada. Ser profecia e fermento de unidade no seio da humanidade».

Sementes de esperança – Não se pode viver em plenitude o Evangelho, a não ser “juntos”.

São Basílio dizia aos seus monges: «Se você vive sozinho, vai lavar os pés de quem? Como faz para colocar-se no último lugar? A vida comunitária é portanto uma espécie de estádio no qual nos exercitamos como atletas, uma escola que nos faz progredir».

O mundo tende à unidade. O caminho para a plena comunhão, também visível para os cristãos, é uma prioridade: sabemos quanto seja árduo e ao mesmo tempo urgente. Somente a conversão dos corações, somente uma especial intervenção do Espírito Santo, pode realizar o milagre.

O nosso tempo, dizia João Paulo II, exige uma nova evangelização. O anúncio do Evangelho não pode ser eficaz se não for acompanhado por uma robusta espiritualidade de comunhão. Nós lemos no documento “Vida Cristã”: «A comunhão fraterna, quando fundamentada no Evangelho, é o lugar privilegiado do encontro com Deus».

O Arcebispo ecumênico Antonios Naguib, patriarca católico de Alexandria dos Coptos, relançou em sua visita à Itália o “Ecumenismo da Vida”. É o ecumenismo dos contatos cotidianos. Busca-se criar união nos relacionamentos, na oração, nos encontros com os irmãos, sem discriminações.

Ocorre criar uma certa aproximação e amizade uns com os outros, valorizar o que temos em comum, refletir sinceramente sobre o que nos divide para não permitir ambiguidades. Trata-se do diálogo que foi pedido e desejado pelo Concílio, pelo papa João Paulo II e por Bento XVI.

O diálogo ecumênico começa aqui.

FIO DE ARIADNE

Primeiro escutar – *Giuseppina Teruggi*

Há competências particularmente apreciadas e estimuladas nos vários períodos históricos. Nossa cultura globalizada dá particular crédito a habilidades que acentuam a afirmação de si, a capacidade de exprimir-se de modo brilhante, a prontidão em responder. São pouco valorizadas hoje as competências consideradas *passivas* e criticam-se palavras como *escuta, paciência, humildade*, que têm como denominador comum a atitude de sair de si para focar um outro valor, seja ele Deus, a pessoa ou um projeto em torno do qual gastar a vida. Em uma época que privilegia a visibilidade e aponta para a eficiência, nós, como educadoras de jovens somos desafiadas a refletir sobre percursos alternativos de realização pessoal e social, que possam dar, em definitivo, sentido e fecundidade à vida e trazer felicidade e esperança.

Muito expressivo a propósito o texto poético intitulado *Meditação*, de Umberto Saba:

*O azul turqueza
esmaece para
o azul que é todo estrelas.
Eu me sento e olho.
Olho e escuto;
porque nisto está
toda a minha força:
em olhar e escutar.*

Pontos de vista – Depois de um período de permanência em nossas casas, muitas pessoas ficam fascinadas pelo clima que nelas se respira. A acolhida, a atenção às pessoas, a simpatia do olhar, a disponibilidade para escutar: são aspectos que criam bem-estar e deixam uma impressão

positiva em quem nos frequenta. Às vezes bastam algumas ou poucas irmãs para dar este tom à casa. Jovens e leigos com frequência conservam o perfume do que viveram no ambiente salesiano, graças a pessoas que simplesmente souberam *olhar* e *escutar*, com bons olhos, com coração atento. Fica então o desejo de retornar, de renovar o fascínio da experiência vivida. E, talvez, de permanecer nela.

Nem sempre, porém, é assim: todas, sabemos disso. Uma irmã perguntava-se, em voz alta: por que não se consegue construir família em nossas comunidades? O que nos falta para tornar nossas casas vivíveis, para agilizar a vida em comum, melhorar os relacionamentos entre nós?

Duvido que existam respostas exaustivas a estas perguntas. São tantos os pontos de vista e cada uma pode focalizar um ou muitos elementos, relativos à vida concreta da própria comunidade. Embora, talvez, permaneça o dilema da urgência de passar das idéias para a vida. Caso contrário, nada mudará.

Queremos refletir neste momento sobre uma competência que constitui a condição básica para favorecer a comunhão, aumentar a capacidade de relação, reforçar a alegria e a confiança em nossas comunidades. Trata-se de um ponto de vista.

Considero importante o ato de *escutar*: uma atitude aparentemente “passiva”, na realidade “construtiva”, que implica força de dinamismo e de ascese. Em nível pessoal e comunitário. Afirmou-se que a «verdadeira escuta é um talento pouco desenvolvido. Se pudéssemos encontrar cinco escutadores válidos no arco da nossa vida deveríamos considerar-nos satisfeitos». Em nosso exame pessoal, talvez pudéssemos considerar-nos mais felizes. Permanece o fato de que aprende-se a escutar porque deseja-se escutar: não é fruto espontâneo, constitui ao contrário uma habilidade complexa que aprendemos com esforço. Porquanto toca a esfera do nosso ser profundo, da capacidade de decidir que a vida é um dom para a felicidade própria e a dos outros, daqueles que vivem conosco. Não é apenas um processo de autorealização.

Por uma comunicação feliz – O ato de escutar fundamenta-se no firme desejo de estabelecer relações positivas, na aceitação, na empatia. Fala-se sempre mais de *escuta ativa*. É uma escuta aberta, baseada numa atitude de acolhida sem preconceitos e na disponibilidade não apenas para com a pessoa que se escuta, mas também para consigo mesmo. De fato, é importante escutar a própria sensibilidade, as próprias reações interiores, estar consciente dos limites do ponto de vista pessoal e dos próprios conhecimentos. É realmente difícil entender o outro.

A escuta foi definida como «Um conjunto de atos perceptíveis através dos quais entramos espontaneamente ou involuntariamente em contato com uma fonte comunicativa». Escutar, todavia, não é tanto ouvir, não é só um processo de compreensão da mente. É sobretudo uma dimensão do coração. Escutar com o coração predispõe a um olhar bom, não preconceituoso.

Habitualmente a escuta pressupõe alguns processos. Em primeiro lugar a *recepção* da mensagem, seja ela verbal ou não verbal. Para recebê-la é necessário o esforço de compreensão do que foi comunicado e concentrar-se no conteúdo da mensagem. Isto implica abertura, atenção, capacidade de acolher a modalidade sensorial com a qual a pessoa se exprime: visual, auditiva, com gestos do corpo.

À recepção segue a *elaboração* e decodificação da mensagem. É preciso levar em conta o conteúdo objetivo que é transmitido, colher o que a pessoa está dizendo, compreender o que diz de si mesma, o que pede também implicitamente. Enfim, para uma escuta autêntica, é necessário *responder*, fornecer elementos que demonstrem que a comunicação se efetuou, seja de modo positivo ou negativo. É este um momento delicado da dinâmica da escuta: pode haver respostas de compreensão, de encorajamento, de apoio, de simpatia. Ou respostas avaliadoras, interpretativas, desencaminhadoras para a pessoa. Mesmo sem pronunciar palavras.

É sábio analisar as próprias modalidades de escuta e criticá-las. Há uma modalidade de escuta “intermitente”, quando nos deixamos levar pelas distrações, pela imaginação ou quando nos apoiamos na intuição que precocemente capta as coisas importantes deixando de lado as menos importantes. É um tipo de escuta passiva, que não comunica, vivida como oportunidade para garantir a própria vez de falar.

Outras vezes utiliza-se uma “escuta lógica”: descobre-se no ato de escutar aplicando um eficaz controle do significado racional daquilo que foi dito. A atenção concentra-se quase que inteiramente sobre o conteúdo expresso.

E há uma “escuta empática”, a mais eficaz, quando se faz a experiência de colocar-se *na pele do outro*, entrar no seu ponto de vista. Realizar uma escuta empática implica excluir o julgamento, mas também as advertências fáceis e a tensão do “ter o que fazer” para resolver o problema. Simplesmente fazendo compreender que existe uma partilha profunda.

Uma modalidade qualificada de escuta contribui para reduzir as incompreensões e ajuda a pessoa a exprimir-se sem medo; frequentemente estimula a buscar melhores possibilidades expressivas, também com relação aos conteúdos. Permite, por outro lado, relacionar-se melhor com os outros aumentando a auto-estima, a confiança em si, o respeito recíproco. E favorece uma bagagem maior de informações.

E se colocássemos a escuta em primeiro lugar? – A capacidade de escutar é tão importante que algumas vezes, mesmo faltando outras competências, ela assume sozinha uma valência de libertação, de conforto que chega até mesmo a curar feridas dolorosas e incuráveis. A escuta tem força terapêutica.

No processo evolutivo, as habilidades que se adquirem são, em ordem cronológica, primeiro *escutar*, depois *falar*, em seguida *ler* e enfim *escrever*. Segundo as estatísticas, enquanto no arco da vida inteira a utilização da escuta é em média 45%, a de falar 30%, a de ler 16% e a de escrever 9%, o ensino destas mesmas habilidades prevê *muito* para a escrita, *bastante* para a leitura, *pouco* para a fala, e *nada* em relação à escuta.

Os nossos hábitos de escuta foram influenciados, de certa forma, pelos modelos apreendidos na infância e pelo modo com o qual se desenvolveu a nossa integração nas primeiras experiências de socialização. Resta então o empenho pessoal e cotidiano de apreender e incrementar a atitude de ouvir. Com exercício, é possível chegar a assumir a competência da escuta, e melhorar por conseguinte a comunicação interpessoal.

É útil às vezes recorrer a simples sutilezas, utilizando a modalidade empática. Por exemplo, em situações em que uma pessoa é tomada por um estado emotivo agudo (irritação, ansiedade, agitação), devido a um acontecimento que não depende de mim, experimento escutá-la em nível ativo empático. E experimento também escutar de modo empático quando o problema que causou o estado emotivo me envolve em primeira pessoa, porque o outro me considera a causa de seu estado emotivo perturbado.

Procuro lembrar alguma pessoa que julgo “saber escutar”, pela qual eu me senti verdadeiramente ouvida, repasso na mente o seu modo de se posicionar e saboreio as sensações agradáveis que esta recordação me traz. Ou relembro alguma situação em que uma boa escuta teria resolvido de modo mais positivo um problema...

A escuta tem profundas raízes bíblicas. Na Bíblia, Deus é definido em termos relacionais e dialogais: Aquele que fala. O crente, que vê em Deus o Amor maior, é chamado sobretudo a escutar. Sob esta luz, Enzo Bianchi faz perceber, «...aquele que escuta, que define a sua identidade em base ao paradigma da escuta é também aquele que ama: é verdade que o amor, na raiz, nasce da escuta, *amor ex auditu*. A escuta de Deus, com todas as dimensões que isto exige, torna-se acolhida, ou melhor, descoberta de uma presença mais íntima a nós que nós mesmos».

gteruggi@cgfma.org

A cabeça coberta

Cheguei à Europa faz pouco tempo. Cheguei com minha mãe e papai. Ele, durante anos, ficou sozinho com os tios e primos. O trabalho de papai é irregular mas ele diz que está melhorando. Mamãe fica em casa e sai apenas para me acompanhar à escola.

Sou muçulmana; eu e mamãe lemos, juntas, o Corão e recitamos suas orações. Ela tem sempre a cabeça coberta e eu também. No início, os meus companheiros de escola riam de mim, agora a situação está um pouco melhor.

Na cidade onde vivo há pessoas que vêm de todas as partes do mundo, portanto é preciso aceitar cada um com sua religião e seus costumes, suas orações. Eu sonho com um mundo, onde cada pessoa possa viver com os seus princípios, respeitando uns aos outros e sonho com um mundo em que não haja pobres.

Fátima, 11 anos

Eu preciso de tantas coisas

Papai leva-me para pedir esmolas à noite e fico defronte a um grande restaurante ou a uma igreja. Às vezes param alguns senhores e me perguntam se frequento a escola ou se preciso de alguma coisa.

Tenho necessidade de tantas coisas: de brincar, ir ao parque, ficar com os amiguinhos. Penso sempre nos meus irmãos e em minha mãe. Sonho com um mundo onde cada pessoa possa permanecer no País em que nasceu e onde as crianças não precisem trabalhar. Alguém pode realizar o meu sonho? Não acredito. Porém, continuo sonhando.

Como diz uma fábula do meu País, pode acontecer que os elfos pela manhã encontrem algum porco-espinho que superou o frio da noite, ainda vivo.

Esperamos que surja um mundo perfeito de verdade porque o meu não o é nem de longe.

Ornela, 10 anos

Fonte: Pansa Francesca, *Um mundo perfeito*, Milão, Sperling&Kupfer 2008

Rostos de crianças: rostos do futuro?

Tayana tem sete anos e quer ser jogadora de tênis. Saranda tem nove e quando crescer quer ser jornalista. Crianças como tantas que estudam na pequena escola da aldeia de Binca/Binaq: dois pequenos edifícios construídos ao lado da igreja ortodoxa, perto do centro formado por um par de lojas. Uma história como tantas se Tayana não fosse uma menina sérvia e Saranda albanesa. E, sobretudo, se a escola, onde estudam juntas, não se encontrasse em Kosovo, a ex-província sérvia onde os desencontros entre as duas etnias mancharam de sangue o final dos anos Noventa. Em Binca/Binaq (nome sérvio e albanês da pequena aldeia) desde 2001 funciona uma escola multiétnica onde as crianças das duas comunidades, mesmo estando em classes separadas devido aos programas sérvio ou albanês, podem estudar juntas compartilhando aulas de música, desenho, educação física além do espaço para a recreação. Um exemplo raro nesta região dos balcãs onde, mesmo com a diminuição dos episódios de violência nestes anos, as duas comunidades tendem a viver isoladas, em alguns casos até dentro de uma mesma aldeia. São ainda muitos os passos que devem ser dados para que se possa falar realmente em reconciliação.

Fonte: Agência SIR 13 (2009) 20 de fevereiro.

Solidariedade a mãos cheias – Mara Borsi

Mãos que tecem solidariedade é uma Rede constituída por diversos grupos comunitários que expandem os valores de uma economia ética e solidária. É promovida pela Inspetoria brasileira ***Santa Catarina de Sena*** que desenvolve sua missão no Estado de São Paulo. Há dois anos atrás a Rede publicou um subsídio ágil intitulado ***Economia Popular Solidária*** com o escopo de divulgar as idéias que sustentam a visão de uma economia alternativa.

A rede – *Mãos que tecem solidariedade* – nasce das necessidades das comunidades das obras sociais das FMA. Comunidades que já desenvolviam alguma atividade produtiva e que precisavam de uma orientação para a comercialização dos produtos.

A proposta de iniciar um caminho de economia solidária foi imediatamente aceita por quatro grupos e por uma escola, que em 2005 começaram a reunir-se com o objetivo de conhecer, aplicar e difundir as idéias fundamentais da economia solidária. A tentativa imediata foi a de estimular e colaborar na organização de projetos de microeconomia visando a ativar processos de transformação social e redes produtivas, de comercialização e consumo.

Os objetivos que a rede se propõe, além da difusão das idéias de uma economia alternativa, são:

- o Favorecer o consumo crítico,
- o Construir uma rede de comércio justo e solidário,
- o Estimular a criação de canais de comercialização,
- o Criar espaços de formação,
- o Sistematizar as experiências para que sejam sempre mais significativas.

Os grupos de microeconomia, chamados células locais, reúnem-se com frequência e implementam um processo baseado em três passos: ação, reflexão, nova ação. Os representantes destas células locais reúnem-se a cada três meses para partilhar as próprias experiências. Procura-se construir um novo saber, estimular e reforçar o trabalho em rede. As experiências vividas são organizadas de modo a promover o crescimento de processos de produção e comercialização.

Uma testemunha convincente – Antes de vir à Itália para frequentar o curso de Espiritualidade salesiana na *Casa Ersilia Canta*, **Ir. Ana Beatriz Freitas Mattos, FMA** da Inspetoria de São Paulo, Brasil, trabalhou por três anos em um projeto de economia solidária. A ela dirigimos algumas perguntas buscando compreender no concreto as oportunidades e os desafios deste tipo de projeto.

DMA – *Que significado teve para você trabalhar em um projeto de economia solidária?*

Ir. Ana Beatriz – Para mim falar de economia solidária é falar do Reino de Deus e dos seus valores.

A mentalidade desta visão econômica coloca no centro, não o lucro, mas a pessoa; o trabalho é concebido como verdadeiro meio de resgate da dignidade humana e a solidariedade substitui o individualismo. Partilhar a experiência da criação de um grupo de produção é tornar o cotidiano lugar de aprendizagem para a humanidade. Recupera-se o prazer de trabalhar com criatividade, muitas vezes humilhado pelo trabalho sem carteira assinada e sem qualquer garantia dos direitos dos trabalhadores.

Comprar a matéria prima para a produção, calcular o preço certo, trabalhar duro, buscar modos criativos para reparar os erros cometidos na confecção dos produtos, pensar juntos, decidir juntos, fazer juntos, errar juntos, alegrar-se juntos, tudo isso fez crescer o grupo de mulheres com o qual trabalhei e, também eu, fiquei mais enriquecida e esperançosa ao constatar pequenos sucessos, pequenos passos.

DMA – *O que lhe deram as mulheres com as quais você trabalhou?*

Ir. Ana Beatriz – Posso dizer com certeza que me deram muita amizade e também a coragem de enfrentar um caminho novo, o desejo de contribuir ao bem-estar de tantas outras pessoas. As mulheres com as quais compartilhei esta experiência, ajudaram-me a acreditar mais no processo educativo que se realiza a partir da experiência partilhada e me fizeram tocar com as mãos a importância de *educar-se e educar*, com a certeza de que na realidade caminhando humildemente com o nosso Deus da vida podemos ser agentes de transformação social.

DMA – *Por que a seu ver é importante para as FMA comprometer-se e apoiar, apesar das dificuldades, os projetos de microcrédito?*

Ir. Ana Beatriz – Somos responsáveis por um carisma educativo e não podemos perder esta oportunidade de promover a vida e de expandir o evangelho. É importante criar estruturas democráticas para promover a participação ativa de todos aos processos econômicos e sociais. Na situação atual de crise econômica em nível mundial compreendeu-se ainda mais que é importante vincular o desenvolvimento econômico ao social. Através dos processos educativos e das atividades de economia solidária podemos agir e favorecer a conexão entre desenvolvimento econômico e social.

* *A economia popular solidária* ou mais precisamente a *colaboração solidária* favorece um novo modo de viver e de relacionar-se uns com os outros, trata-se de uma nova visão do mundo que respeita a diferença e a riqueza de que o outro é portador. *A economia popular solidária* garante a todas as pessoas melhores condições em nível material, educativo, político, comunicativo, promove o exercício da liberdade e o bem-estar de todos.

* *Desafios para os produtores éticos e solidários:*

- Produzir com qualidade
- Buscar assistência técnica para melhorar a produção
- Desenvolver e exercitar a cultura cooperativa e associativa
- Criar canais e relações aproximadas com os consumidores e formas alternativas para a venda dos produtos
- Obter o capital que dá início à atividade produtiva.

Fonte: Inspeção Santa Catarina de Sena, São Paulo, Brasil, *Economia Popular Solidária*, 2007.

mara@cgfma.org

PASTORAL-MENTE

Precariedade... até quando? – *Palma Lionetti*

«A precariedade: é o denominador comum que aflora em qualquer âmbito em que a pessoa vive» (*Linhas Orientadoras da Missão Educativa nº 20*). A partir desta afirmação poderíamos escrever um mar de palavras para radiografar nossa sociedade que, em 1999, o já citado Bauman descrevia como a sociedade da incerteza na qual “a liberdade individual reina soberana” tornando-se o valor pelo qual todos os outros valores devem ser avaliados e a medida com a qual a sabedoria de toda norma e decisão sobre o indivíduo é comparada.

Freud, em “O mal-estar da civilização” (1929), sublinhava que a sociedade moderna escolhia “a ordem e a regulação” para autointerpretar-se, indicando entre as causas do mal-estar o excesso

de ordem e a morte da liberdade. Hoje a posmodernidade vive o mal-estar causado pelo jogo da liberdade em que “quem perdeu consola-se com a esperança de vencer da próxima vez, enquanto a alegria do vencedor é ofuscada pelo pressentimento da perda”. Para ambos significa que nada é estável mas tudo é incerto. A incerteza, porém, é portadora de mensagens diferentes: aos perdedores diz que nem tudo ainda está perdido, assim continuam a jogar, enquanto sussurra aos vencedores que todo triunfo é precário!

Neste jogo bastante bizarro, os jovens, sobretudo, têm a sensação de ser “livres” para implementar suas próprias iniciativas, o que deve merecer o sucesso. O preço de tudo isso é sentir-se sempre e de alguma forma, analisados, sob controle ou na orla do fracasso. A consequência é que os jovens têm dificuldade para prever o futuro.

Quando se fala de relacionamento entre jovens e futuro há um outro aspecto a ser considerado. Para saber quanto uma sociedade esteja grávida de futuro, é importante compreender como e quanto os jovens se sentem socialmente e culturalmente gerados pelas gerações adultas e como e quanto, por sua vez, sentem-se capazes de gerar o seu futuro e a sociedade de amanhã. Se ser gerados quer dizer ser desejados, queridos, cuidados, tão amados a ponto de ser destinatários de coisas boas por parte dos adultos, então os jovens, em termos de geração, não se sentem “verdadeiramente queridos”. Têm a impressão de que a sociedade possa prescindir deles e do seu amadurecimento. Por isso hoje constitui um verdadeiro problema assumir responsabilidades em nível social e privado. *Sim* ao amor, *não* aos vínculos mais estruturais, que comportam um compromisso que condiciona a vida. Mas o acesso ao trabalho também se mobiliza entre procura e insatisfação. Por um lado a responsabilidade do trabalho é assumida como meta desde a primeira adolescência, prova disso é o aumento generalizado dos estudantes/trabalhadores, por outro lado, a condição de “discente” é projetada até a velhice; em ambos os casos o tempo típico do período juvenil de transição entre irresponsabilidade e profissionalização cai porque – assim achamos - ou são eternamente jovens ou velhos de repente.

O fosso – O confronto com estes novos fenômenos sociais – a precariedade, a fragmentação social, a vulnerabilidade difusa, o enfraquecimento dos grupos, o crescente fosso entre ricos e pobres – não chegam até nós num plano puramente acadêmico e teórico, mas num plano educativo-pastoral.

Portanto, supondo que a nossa ação pastoral seja guiada pelos seus três critérios: Encarnação redentora, prioridade da evangelização, dimensão educativa da pastoral, poderíamos perguntar se os objetivos, as modalidades e as diversas opções metodológicas provêm da circularidade entre a fé e as experiências de vida dos jovens. Em outras palavras, de que modo a precariedade questiona por exemplo a *animação*, como percurso metodológico para interpretar a existência e para criar cultura?

Se nestes anos o aprofundamento da dimensão educativa de nossa pastoral levou a retraduzir o Sistema Preventivo por meio das perspectivas pedagógicas de referência (culturais, evangelizadoras, sociais, comunicativas) como elas se tornam “método” em nossa ação pastoral?

Esperança e resiliência – No caso da precariedade, um caminho bom a ser explorado, em termos de itinerários educativo-pastorais, poderia ser o da relação entre esperança e resiliência.

Quando Pandora, na versão de Hesíodo, abre o vaso e espalha entre os mortais o Cansaço, a Doença, o Vício, a Paixão e a Velhice, deixa no fundo a Esperança para impedir que os homens cometam suicídio. Quem escolhe a esperança não se deixa seduzir pelos dons de Pandora que conferem malvez e contradições, e se presta ao invés à escolha da vontade de viver que nasce do prazer de existir mesmo entre ambiguidades e incertezas.

Por outro lado, lembra-nos Bento XVI que «a alma da educação, assim como da vida inteira, pode ser apenas uma esperança confiável. Hoje a nossa esperança é insidiada por todos os lados e corremos o risco de nos tornar também nós, assim como os antigos pagãos, homens “sem esperança e sem Deus neste mundo”, como escrevia o apóstolo Paulo aos cristãos de Éfeso (*Ef 2, 12*). É propriamente a partir daqui que nasce a dificuldade talvez mais profunda para uma verdadeira obra educativa: na raiz da crise da educação há uma crise de confiança na vida».

Então, para que a esperança possa resistir a todas as decepções, deve encontrar o modo para transformar-se de virtude teologal em virtude humana, ou naquela capacidade de resiliência que não é simples habilidade para resistir aos eventos adversos, mas processo ativo que se desdobra na relação dinâmica entre a pessoa e o contexto (social, racional, institucional). Isso faz com que pouco a pouco também a esperança se torne paixão porquanto corresponde a uma atitude confiante diante da realidade e *capacidade de imaginação* porque impulsionada para adiante pela capacidade de desejar um futuro melhor acompanhado pela consciência da incerteza do amanhã.

POLIS

O desaparecimento dos fatos – Graziella Curti

Em que se baseia a informação atual? Lendo os jornais ou ouvindo as notícias radiofônicas e televisivas, muitas vezes diria “por trás das palavras, nada”. Um vazio de fatos concretos ou uma manipulação dos acontecimentos nos impedem muitas vezes de aproximar-nos da realidade social para compreendê-la na sua espessura e na sua verdade. Impedem-nos de viver uma cidadania responsável.

Há algum tempo atrás, Marco Travaglio, um notável jornalista italiano, publicou um livro intitulado *O desaparecimento dos fatos*, onde lamenta o mau hábito de um jornalismo indiferente, cínico e muitas vezes preguiçoso. No prefácio do seu texto, ele escreve: «Há quem esconde os fatos porque não os conhece, é ignorante, despreparado, desleixado e não tem vontade de estudar, informar-se, atualizar-se». Infelizmente os profissionais da comunicação, muitas vezes, preferem fazer um *serviço pela metade*. Dedicam-se a outros trabalhos, fato compreensível aos colaboradores externos mal assalariados, porém, não compreensível aos internos que recebem bons salários. Este sistema é extremamente falho, porque nega aos cidadãos a verdade daquilo que acontece na realidade.

Informação e democracia – Luigi Ciotti, padre de fronteira, que dá muita importância à informação correta como suporte ao seu compromisso social em favor de pessoas em situação de risco, consultado sobre a qualidade informativa da mídia, descreveu um quadro um tanto negativo: «Não deveria haver necessidade de pôr ao lado da palavra “informação” o adjetivo “livre”. Porque a informação ou é livre ou, simplesmente, não é informação: é propaganda, marketing, falsificação. No entanto, nunca como nestes anos, é necessário especificar, esclarecer. Denunciar, se for o caso. Com muita frequência a palavra é reprimida, as crônicas truncadas ou controladas. Em um mundo que se tornou global, governado pela preeminência do mercado e das finanças, onde a pessoa é despojada de sua centralidade e transformada em mercadoria, até a informação muitas vezes se dobra diante de interesses e lógicas que divergem da verdade».

E acrescenta, com a lucidez que o distingue no seu compromisso em favor dos sem voz: «Há uma informação má que provém da desonestidade, da análise e da perda de objetividade, e há uma outra que se sujeita à omissão diante da realidade, a esconder fatos e aspectos que caracterizam a vida social em toda a sua pluralidade e em suas diferenças. Trata-se de duas faces da mesma medalha, sempre à custa da nossa liberdade. Liberdade de saber e escolher, de conhecer e de decidir, mas também de se dizer».

Infelizmente os filtros informativos, ditados pelos interesses econômicos e pelo poder político, continuam a marginalizar os Países pobres, a ignorar as tragédias do Kivu, do Sudão, do Orissa enquanto é dedicado muito espaço ao intitulado *gossip dos grandes*, com grosseiros mexericos.

É ainda verdadeiro que para fazer notícia a África, e outras regiões subdesenvolvidas, precisam no mínimo de duzentos mortos, enquanto os Países ricos, que possuem 90% das agências de notícias, podem publicar eventos também marginais, ao mundo todo.

O elo frágil – Desde 2005, a Comunidade de Capodarco, lugar de acolhida dos marginalizados, anuncia o prêmio *O elo fraco*, destinado aos melhores exemplos de transmissões

radiofônicas, televisivas, curta metragem que tenham relatado fatos e eventos da população definida como “frágil”, porque “periférica” ou “marginalizada”.

De fato os melhores jornalistas pensam que a força da cadeia de comunicação depende da resistência do seu *elo frágil*. Eis então, entre as produções premiadas, uma reportagem filmada em Ghana, para Acora, por ocasião da Copa da África, que relata as histórias de jovens jogadores africanos todos aspirantes à viagem para a Europa. As primeiras imagens mostram os campos de terra vermelha, pracinhas, anfiteatros, lixeiras transformadas em ginásios de esporte, com a criatividade típica de quem é pobre. Em contrapartida, é apresentada a diferença entre as aspirações dos jovens e a dos clãs locais a respeito da cobiça dos negócios do futebol europeu.

Um dos prêmios foi dado a uma reportagem sobre Srebrenica, a cidade destruída em 1995, símbolo da agressão contra a Bósnia e a Hezegovina, porque revelou ao mundo o massacre resultante de um ódio étnico desconhecido dos demais. Evento este que, com a cumplicidade da mídia deseja-se cancelar e esquecer.

O que fazer? – Os meios de comunicação, hoje, são muitíssimos. Apesar disso, quem quer ser informado seriamente é obrigado a fazer buscas profundas, comparar cabeçalhos diferentes e, possivelmente, ter acesso a fontes seguras de notícia. Quase todas as estruturas informativas, jornais e tv, apoiam os interesses específicos, claramente econômicos-financeiros e políticos, pelos quais são financiados.

Ao observar uma imprensa internacional, também a *on-line*, perguntamo-nos: «Qual é a diferença entre o jornal da direita e o da esquerda? Entre o democrático, o republicano ou o liberal? O cabeçalho?». A respeito destas produções informativas foi dito: «Parecem marcas de detergentes: Ingredientes diferentes, padrões iguais».

Existem, no entanto, algumas vozes livres. Por exemplo, na Itália, há mais de dez anos nasceu a Agência de notícias *on-line* MISNA, que encontra suas fontes nos testemunhos dos missionários, que vivendo nos lugares mais ignorados pelas grandes mídias, comunicam os fatos na sua veracidade descrevendo com mais clareza as situações e os problemas. Mesmo se raros, ainda existem, felizmente, jornalistas com o *cérebro desatado* e não dependentes dos poderosos *lobbies*.

Eis agora algumas operações indispensáveis para a obtenção de uma informação mais próxima à verdade:

1. Muitos, entre os cabeçalhos mais liberais, pertencem às ONGs ou aos missionários. Cabe a nós valorizá-los e sustentá-los.
2. Para fazer isto, é necessário, por nossa parte, um esforço de busca, de confronto com fontes informativas diferentes e possivelmente complementares.
3. É necessário um aprofundamento cultural, que nos ajude a decodificar a notícia, a pesquisar suas causas sem justificá-las apenas pelos seus efeitos.
4. Além disso, é indispensável estar presentes e ficar atentos ao que acontece perto e longe de nós.
5. “Também porque, o direito de ser informados, livres e conscientes, não cai do céu nem vem de fora, mas se realiza nos mesmos lugares em que cada um de nós trabalha e age cotidianamente, naquele caminho a ser feito juntos para construir um futuro de justiça e democracia”.

Eles disseram

Os fatos são obstinados (mesmo se, quase sempre, interpretados e contextualizados) às vezes perturbadores. Quando são incômodos para os poderosos a melhor coisa é eliminá-los. **Daniele Barbieri**

O Sr. Kenner encontra o Sr. Wire que critica os jornais. «Sou um grande adversário dos jornais – diz o Sr. Wire – não quero saber de jornais». O Sr. Kenner responde: «Eu sou um adversário ainda maior dos jornais: eu quero jornais livres». **Bertolt Brecht**

Há quem esconde os fatos também de si mesmo, porque tem medo de precisar mudar de opinião.
Marco Travaglio

Twittermania?

Maria Antonia Chinello e Lucy Roces



YouTube, Facebook, MySpace...

São palavras quase familiares:

por toda parte fala-se e se escreve de *social network* e *blog*, de *Web 2.0*, ambientes da Rede para relacionamentos e partilhas.

Dentro dos mesmos espaços subsistem diferenças, mas a filosofia é comum:

conectar-se entre si e fazer interagir pessoas

à distância no tempo e no espaço,

alcançar amigos conhecidos e encontrá-los de novo.

E então, por que não *Tweet* também você?

No horizonte mutante da Web 2.0 ultimamente está fazendo caminho *Twitter*. Uma rede social que mina a primazia sobre *Facebook* e *MySpace*.

O nome "Twitter", correspondente sonoro da palavra *Tweeter*, deriva do verbo inglês *to tweet* que significa "chilrear". O logotipo de Twitter é de fato um passarinho azul.

No site oficial (<http://twitter.com>) lê-se: «Twitter é um serviço para conectar-se e se comunicar com os amigos, os familiares, os colegas através de trocas rapidíssimas, frequentes respostas a simples perguntas tais como: *O que você está fazendo?*».

É uma rede e um serviço de *microblogging* que permite enviar atualizações constantes do próprio perfil com mensagens de textos não mais longos do que 140 caracteres, através do próprio site, do SMS no celular ou dos programas de *Instant Messaging* e *correio eletrônico*.

Twitter foi definido como o serviço telegráfico da *Web 2.0*: mensagens brevíssimas e frequentes são enviadas várias vezes ao dia para dizer aos outros, o que se está fazendo, o que se está pensando, como se sente, com quem se encontrou, quais são os programas, os imprevistos, os empenhos e as interrupções. Tudo, no máximo com 140 caracteres: uma comunicação rápida, fragmentada, que responde à concisão à qual nos habituou a Rede com suas conexões sempre mais rápidas e evasivas.

Abrir uma página sobre *Twitter* é fácil e as diferenças entre este ambiente e *Facebook*, a rede social mais popular (nestes últimos meses), não são muitas. Também aqui é possível expressar gostos, interesses pessoais, criar uma lista de amigos, indicar o link e enviar fotos, vídeos, áudios. A diferença está no sistema de atualização: enquanto em *Facebook* é necessário estar conectados com um computador, em *Twitter* pode-se gerir também através do celular e do correio eletrônico.

Por que utilizar *Twitter*? Continuamos a ler no site oficial: "Porque até mesmo as atualizações mais banais são significativas para quem nos quer bem, especialmente quando estão no tempo real".

Fácil, não? Sempre conectados, não é verdade? Sempre disponíveis, o que você acha?

Comunicação no formato 140 – *Twitter* foi criado em março de 2006 pela *Obvius Corporation* de São Francisco (Califórnia, Estados Unidos). Desde setembro de 2007 tornou-se a rede social que registrou o maior aumento de usuários (+600%) e de visitantes (+343%). Em fevereiro de 2009, *Compete.com*, avaliador de acessos web, na sua classificação passou-o para o terceiro lugar, ficando atrás de *Facebook* e *MySpace*. No início deste ano, *Twitter* registrou sete milhões de visitantes. Seus cofundadores, Biz Stone e Evan Williams, foram indicados pela Revista *Time* para a lista das 100 pessoas mais importantes e influentes em nível mundial: os novos *gurus* da tecnologia amigável e acolhedora da Rede.

Assim que o serviço foi se tornando popular, ao menos nos Estados Unidos, muitas pessoas imediatamente utilizaram *Twitter* para gerir campanhas e organizar informações sobre o cenário social.

James Karl Buck, um estudante diplomado na *Universidade da Califórnia-Berkeley*, encontrava-se em Mahalla (Egito), para um protesto anti-governista, quando ele com o seu intérprete, Mohammed Maree, foram presos. Em vez de chamar a polícia, Buck através do celular enviou uma mensagem aos amigos e aos seus contatos atualizando a própria página no *Twitter*. Com uma só palavra: "Detido". Em poucos segundos, colegas nos Estados Unidos e *blogger-friends* do Egito foram alertados. 24 horas depois, uma outra mensagem: "Livre" atualizava os amigos e os contatos.

Até mesmo uma rainha se comunica com *Twitter*. É a escolha de Rania, da Jordânia (<http://twitter.com/QueenRania>), que decidiu criar um perfil sobre a rede social para relatar a visita do Papa Bento XVI ao seu País (8-11 de maio de 2009). Rania, em sua página, explica os motivos: «É preciso escutar o Papa. Nossa região tem grande necessidade de uma mensagem de paz». Segue a primeira mensagem: «Dia especial aqui em Amã: não é todos os dias que o Papa está em visita».

George Stephanopoulos do canal televisivo *ABC News* entrevistou, em março p.p., o senador John McCain. Foi o primeiro caso de "twitterview", porquanto as perguntas e as respostas foram enviadas através de *Twitter*.

Durante os incêndios que assolaram a Austrália nos meses passados, muitos usuários de *Twitter* descreveram o evento que era facilmente encontrado no site. Um estudo intitulado *Rastros do terremoto on-line*. Pelo modo como reagiu ao desastre em Abruzzo a rede da mídia social italiana revela que entre todas as mídias sociais, seguramente *Twitter* foi o aplicativo que, juntamente com *Facebook*, foi o mais usado para comunicar o terremoto ao mundo. Ainda hoje, muitos italianos através de *Twitter* estão oferecendo alojamentos, ajudas, gêneros alimentícios.

Evangelização – Na sua mensagem para a 43ª Jornada mundial da Comunicação social, o Papa Bento XVI escreve: «As novas tecnologias digitais estão determinando mudanças fundamentais nos modelos de comunicação e nas relações humanas. [...] Quando sentimos a necessidade de aproximar-nos de outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e fazer-nos conhecidos, estamos respondendo ao chamado de Deus – um chamado impresso em nossa natureza humana como seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão».

Na Alemanha, os bispos protestantes estão trabalhando para "traduzir" a Bíblia inteira na linguagem *Twitter*. Na Irlanda, o cardeal Sean Brady convidou os usuários das redes sociais a enviar diariamente uma oração através de uma mensagem *Twitter* ou um e-mail. «Criar-se-á – disse – um mar de oração que pode reforçar o nosso sentido de solidariedade e lembrar aos receptores que alguém pensa neles».

Há espaço em nossa vida de FMA para um instrumento como Twitter? Depende de como o utilizamos para que se torne um canal de comunicação que, sem dúvida não substitui, mas acompanha, sustenta, reforça a relação educativa. É o que nos ensina Dom Bosco: «*Eu me servia daqueles recreios longuíssimos para aproximar-me dos jovens. Com uma palavra ao ouvido, a um recomendava maior obediência, a outro, mais pontualidade ao catecismo, a um terceiro para ir confessar-se, a outro ainda sugeria um pensamento de reflexão, e assim por diante*».

Usado com sabedoria pedagógica, *Twitter* poderia ser a *palavrinha ao ouvido* deste tempo.

A "outra" Rede - GIMP: desenho livre!

Se se deseja um programa de desenho mais completo do que o Microsoft Paint mas não se quer gastar na compra do caríssimo *Adobe Photoshop* ou *Corel Draw*, na Rede há o *GIMP*.

GIMP é a sigla de *GNU Image Manipulation Program*, um software ideal livremente distribuído para desenhar, retocar fotos, elaborar, compor e criar imagens e desenhos. O site <http://gimp.linux.it> contém informações sobre como baixar, instalar, utilizar e ampliar o programa. O projeto nasce no final de 1998 e os primeiros resultados se têm com a versão 1.1.3 de *GIMP*. Depois de um período de inatividade o projeto é dividido e atualmente o programa está completamente traduzido. Agora, no final de 2008, o site foi atualizado com o fim de propor novamente o software através de uma plataforma web mais atual. *GIMP* foi escrito e desenvolvido na plataforma UNIX, mas funciona também nos sistemas operacionais Windows, Mac e OS/2. O programa, uma vez instalado, pode ser continuamente atualizado com o acréscimo de ulteriores aplicações e soluções para fazer comunicação com a imagem.

Resenha de sites interessantes

<http://www.exploratorium.edu/explore/index.html> - É o site do famoso *Exploratorium* de São Francisco, o primeiro *Scienze Center* no mundo, fundado pela *Frank Oppenheimer*. Trata-se de um site em língua inglesa altamente interativo em que o usuário pode efetuar experimentos *on-line*, escutar documentos sonoros e consultar uma ampla biblioteca digital que contém imagens de alta qualidade, filmadas em *Quick Time* e muitos outros documentos de caráter científico. São muitíssimos os serviços educativos *on-line*, para visitantes, professores e operadores de museus. É inovadora a série de *webcast* (transmissões televisivas via Internet) a partir de diferentes localidades: localidades “extremas” como a Antártida, para o projeto “Origins”, ou ocasiões únicas como o eclipse solar, na África central. É interessante também a sessão que mostra o trabalho “*backstage*” que está por trás das produções das exposições. O site é legível em inglês, francês, espanhol e japonês.

<http://www.exploradome.com/html/enfants/ateliers.htm> - O *Explor@dome* de Paris é um espaço interativo em língua francesa para pesquisas científicas, artísticas e da multimídia que interage com o desenvolvimento da cultura, da educação e divulgação científica.

<http://www.gsc.org.uk/> - O “*Galsgow Science Centre*” é uma das principais atrações turísticas escocesas. Apresenta centenas de exposições interativas, um planetário e um cinema IMAX. O site, em inglês, oferece muito material que pode ser baixado.

<http://web.math.unifi.it/archimede/index.html> - É o site de um museu dedicado exclusivamente à matemática e às suas aplicações, para tornar a matéria interativa e divertida. Há a possibilidade, em Italiano, de encontrar calendários de eventos para domingos alternativos para a aprendizagem da matemática, em cada idade.

VÍDEO – *Mariolina Parenteler*

Quem quer ser um milionário? (Slumdog Millionaire)- Danny Boyle – Grã Bretanha - 2008

Um triunfo de “*Quem quer ser um milionário?*” na 81ª edição do Oscar: 8 estatuetas! Melhor Filme – Melhor Direção – Melhor Fotografia – Melhor Montagem – Melhor Coluna Sonora – Melhor Canção Original – Melhor Mensagem Sonora – Melhor Encenação não Original. «Praticamente venceu tudo, comenta unânime a imprensa, em 23 de fevereiro de 2009, e acrescenta: este filme é bonito de verdade, foi dito desde a sua exibição». Nos Estados Unidos recebeu em um só mês, cem milhões de dólares: pouco tempo, considerando que para rodá-lo bastaram treze. E o sucesso não para: sua distribuição foi traduzida em 14 línguas para a difusão do filme, em 9 para os DVD. Qual é o segredo de tal aprovação universal?

«Eu não esperava, responde o próprio diretor. Mas há, talvez, uma explicação: é o relato de um sonho. O sonho de um jovem que quer encontrar o seu amor de infância, e isto agrada ao público em geral. Jamal é o protagonista de uma fábula midiática em que se realizam os desejos do homem comum indiano, mas não só».

Da favela ao tapete vermelho de Hollywood ao mundo inteiro, sua história torna-se o símbolo de uma juventude que se recusa a se render ao pior e pede para construir o próprio futuro.

Cresceu nas paupérrimas favelas de Mumbai e se tornará o herói nacional depois de ter vencido um concurso televisivo com o prêmio de 20 milhões de rúpias. Uma estrada toda em ascensão a sua, partilhada com o irmão – a quem o destino não reservará a mesma sorte – e com uma menina, o primeiro amor, perdida e há muito tempo procurada.

A obra nasce de um venturoso romance “*As doze perguntas*”, do escritor indiano *Vikas Swarup*, ao qual segue a encenação escrita por *Simon Beaufoy*, (autor de *Full Monty*), depois intervém *Loveleen Tandan* co-diretor da parte rodada na Índia, isto é, de quase todo o filme, e enfim a magistral direção de *Boyle* que conduz o todo com forte intensidade e equilíbrio, verdadeiramente exemplares. “Recomendável” sintetiza o juízo de avaliação Pastoral.

Das favelas, à sombra dos arranha-céus - Em Mumbai, na Favela de Dharavi – a maior da Ásia – onde o filme foi rodado, alguém protestou, descontente com a imagem do povo indiano proposta ao público: “Não somos cães”, escreveram numa bandeira dependurada em seu barraco, os moradores da favela. Referem-se ao título original do filme «Slumdog Millionaire» que traduzido significa «Cão milionário da favela». O diretor defendeu-se explicando que «Slumdog» é a síntese das palavras SLUM e UNDERDOG e indica uma pessoa destinada à derrota. Uma descrição que se encaixa bem nas crianças que trabalham no filme, recrutadas nos barracos mais pobres de Mumbai, para as quais não foi fácil chegar ao palco de Hollywood. Porém, ainda mais difícil foi voltar para casa: envergar os vestidos com lantejoulas e as gravatinhas elegantes, cumprimentar os fotógrafos, os admiradores, os albergues de luxo, porque o seu «Slumdog Millionaire» é apenas um filme, a realidade é bem diferente.

Entre os comentários fascinantes deste ótimo filme, é portanto de dever meditar sobre a advertência: sonhar de olhos abertos graças a um filme talvez seja algo muito agradável, mas nada muda para os deserdados. A obra relata consciente e intencionalmente a possibilidade – também para os últimos entre os últimos – de sair de sua pobreza e de ter um futuro melhor. Jamal é um jovem comum, que se decide a reagir contra a própria condição de impotência apoiado pelo irmão mais velho Samir. É apresentado como um jovem garçom proveniente de uma das maiores favelas e – depois de ter respondido exatamente a 11 das perguntas de um concurso televisivo – é preso, torturado pela polícia por suspeita de trapaça. A estratégia mais cativante da obra está na sua estrutura narrativa que reconstrói em capítulos os acontecimentos que levaram o jovem a responder a cada pergunta do desleal animador televisivo. Respostas apreendidas da vivência intensa e dramática de sua breve existência. E se a sorte (constantemente evocada pelo seu: “...não foi um golpe de sorte que as perguntas fossem exatamente aquelas às quais sabia responder?!”) funciona como *leit motiv* da narração, um entre os muitos méritos do filme é seguramente apresentar os sintomas de uma mudança de época, aquela mudança que permite também aos pobres (no rígido sistema de castas da Índia) mudar o próprio status social e civil. São tantos os temas, que a direção de Boyle enfrenta: crianças, famílias, irmãos, irmãs, jovens, comunicação de massa, política-sociedade, pobreza/marginalização, solidariedade, amor. Tudo é conduzido em ritmo apaixonante e dinâmico, na fonte do riso, do pranto, da comoção, da reflexão. Termina com um bailado, em estilo musical muito apreciado pelo expectador indiano. «Um filme intenso, meditativo, agressivo e de muita substância que, do ponto de vista pastoral, é avaliado como recomendável, problemático e adequado para debates» (CVF).

PARA REFLETIR

Sobre a idéia do filme: Colocar em diálogo o subdesenvolvimento, a pobreza e seus problemas-necessidades de resgate, com os novos e poderosos recursos da mídia, sem mencionar os riscos e as novas escravidões. Os novos ‘patrões’.

A terceira parte do filme tem lugar prevalentemente em Mumbai. Uma metrópole cheia de arranha-céus e com as ruas fervilhando de carros, de bancos movimentados. É neste contexto que impera a transmissão televisiva que é vista em termos absolutos: “Quem quer ser milionário?” – um formato com exame oral e prêmio universal, apreciado por todos. É a este meio moderníssimo que o jovem Jamal, de dezoito anos, recorre e confia sua última esperança: o sonho de encontrar a bela Latika. Ele está convencido e plenamente consciente de que a esperança dos pobres como ele, chama-se sorte e se arrisca utilizando e apostando lealmente no poder de sua difusão. Aprenderá, a despeito de si mesmo, quanto os chamados “senhores” da tela – novos patrões das massas e do dinheiro – pensam e agem de modo diferente.

Sobre o sonho do filme: Esperar e... arriscar! «Não por dinheiro mas por amor» - como diz Jamal, o jovem herói virtuoso capaz de se tornar milionário.

É inevitável, no filme, falar de esperança, reafirmá-la. Este sentimento comove e transparece nos rostos de todos os expectadores que seguem apaixonadamente o concurso. Vivem uma identificação tão confiante e dilatada que os torna capazes de suportar as monstruosas contradições de sua megalópole indiana. Porém, o diretor e a obra conduzem o protagonista de dezoito anos a uma realização diferente daquela à qual todos aspiram.

Jamal realizar-se-á no amor, único e autêntico valor/riqueza que permite sair das torpezas deste mundo. Salva-se salvando os outros, incluindo a amada e encantadora Latika. Não por acaso, no momento mais espetacular do recheado “prêmio” (20 milhões de rúpias, a quantia máxima para os concursos de cada tempo, correspondente a cerca de 220.000 dólares) – a conclusão do filme mostra-nos a irresistível ducha de notas sobre o corpo de Samir, o irmão resgatado do mundo da violência e do crime do qual torna-se vítima, com o sacrifício da própria vida.

ESTANTE - VÍDEOS

O hóspede inesperado (The Visitor) - THOMAS McCARTHY – USA 2008

Existem filmes-Davi e filmes-Golia, escreve Tullio Kiezich. Estes últimos são as superproduções, os *blockbusters* que gastam com publicidade mais do que custaram. Os Davi são os filmes pequenos, feitos com pouco dinheiro cujo sinal porém afeta mais que muitas barulhentas exaltações. É o caso de *The Visitor*, consagrado e premiado pelo festival Sundance, em vista da qualidade do diretor McCarthy, expoente de um cinema civilizado e pessoal, não refratário à fantasia mas bem documentado e determinado. Neste caso, o título abre ao seu tema: o encontro com o outro, mesmo se oferecido pelo acaso, pode transformar uma existência. Em “O Hóspede inesperado”, leva a despertar de uma vida solitária, monótona, um professor universitário viúvo. Para quebrar sua triste rotina faz uma viagem de trabalho a Nova York, onde tem um apartamento que descobre ocupado por um casal de intrusos: o sírio Tarek que toca o instrumento *djembe* em um grupo jazz, com a companheira senegalesa Zainab. Depois do choque inicial aceita que permaneçam. Preso à lembrança da mulher pianista, o professor que havia procurado inutilmente aprender a tocar piano, começa uma amizade com Tarek que o aproxima do tamborim africano através do qual conseguirá exprimir-se e reencontrar sua abertura ao mundo.

Depois de um contato incidental com a polícia que acaba com a migração ilegal em um centro de detenção no Queens, se desvelará diante dele para que seja libertado, o que reforça ainda mais o seu compromisso com o aparecimento de Mouna, a mãe que chegou em busca do filho. O sentido de ‘luto’ que se respira no filme não diz respeito apenas ao passado dos protagonistas, mas é a atual e progressiva constatação da morte de um valor de acolhida e de liberdade que a América se dizia orgulhosa de encarnar. Estamos diante de um filme de rara beleza, que faz bem. Ensina-nos a aceitar o «hóspede inesperado» até mesmo quando é profundamente diferente. Um típico filme-Davi que «mesmo manejando o estilingue da mensagem política, não deixa faltar um augúrio existencial: possa o ritmo vital do *djembe* restituir sua alma em movimento fazendo tilintar duas moedas de esperança».

Wall-E - Andrew Stanton – USA 2008

Uma pequena/grande obra prima, premiada em Canes 2008 como Melhor Filme de Desenho Animado. Wall-E é a sigla de Waste Allocation Load Lifter Earth-Class: quer dizer lixeira ou máquina de compactar restos. É de fato especializado na confecção de pequenos cubos cheios de imundícies, ‘fardos ecológicos’ de coleta diferenciada sobre uma Terra abandonada pelos humanos. No meio de tanta desolação resistem apenas o robô enferrujado, esquecido pelos homens antes da primeira fuga ao espaço, e uma espécie de barata, sua única companheira. O solitário Wall-E é uma espécie de enciclopedista involuntário que – à força de reconhecer, separar, classificar desperdícios – adquiriu qualidades humanas. Tudo procede até o dia em que desembarca sobre a Terra Eve (Extra-Terrestrial Vegetation Evaluator), robô feminino, em missão, descarregado de uma astronave manobrada pelos humanos fugitivos: procura um rebento de planta a partir do qual poderia começar uma nova colonização do planeta. Para o romântico lixeiro, ela vem como um raio e, a magia do encontro entre os dois, reveste-se de sólida herança metafórica. De início a beldade não corresponde, depois parece enternecer-se até que uma astronave vem buscá-la e o seu enamorado a persegue pelo espaço. Através desta perseguição à astronave tripulada por seres humanos obesos que vegetam sob o controle de um Grande Irmão, Wall-E descobrirá os supérstites do gênero humano de um tempo: bonecos esvaziados e empanturrados. Telecomandados. O final, ou a “libertação” pelos robôs chefiados por Wall-E, encarrega-se obviamente de condensar a mensagem, sem nada subtrair ao gosto de um divertimento seguro, de alta qualidade ética e estética. Diante desta obra de vibrante inteligência, pode-se concluir com o New York Times «Será que os robôs são melhores que os homens? Wall-E: excelente lição».

ESTANTE - LIVROS

Anosh Irani – **O menino com as pétalas no bolso** – Pime 2008

Uma simples história inserida num contexto de realismo cru. A delicada história é obra da fantasia, mas não o é, infelizmente, o mundo de miséria em que ele se desenrola.

Chamdi tem dez anos, é tão magro que os ossos de sua caixa torácica se salientam afiados. Isto o preocupa: sonha o dia em que, já crescido, a carne revestirá suas costelas e elas serão menos visíveis.

Quantos sonhos Chamdi tem! Com o seu imaginário vivíssimo gosta de ultrapassar os horizontes limitados do orfanato em que vive, e entrar na periferia de Bombay: ouve, ao longe, os rumores da grande cidade, em que, lhe dizem, é perigoso aventurar-se: a história é ambientada numa Índia devastada pelas lutas sanguinolentas entre hindus e muçulmanos. Circunstâncias ligadas à guerra fazem com que Chamdi fuja do orfanato onde era cuidado e benquisto.

E ei-lo menino de rua, improvisamente iniciado nos terríveis segredos da maldade e da violência que dominam aquele mundo de miséria. O menino torna-se espectador e vítima, mas não se deixa contaminar. Vive intensamente a amizade com dois irmãos com os quais divide os perigos e as dificuldades, abandona-se trepidante ao misterioso encanto de um primeiro e tímido amor.

O livro, depois de uma sequência de fatos terríficos, termina com a inocente imagem de Chambi no cenário calmo e límpido das ondas do mar. É feliz, do ponto de vista estético, esta visão pacificada e pacificadora. O livro evocou porém com tanta força um mundo de atrocidades e de cinismo que no leitor, consciente da realidade subtendida à narrativa, fica uma impressão de profunda tristeza.

Elena Giordano – **O tempo de e-mail** – Paulinas 2009

Um livro para pré-adolescentes pensado com inteligência, realizado em todos os aspectos (palavra escrita, ilustrações, revestimento editorial) para ir ao encontro dos gostos travessos das pré-adolescentes: agradável até mesmo ao tato, com capa grossa, macia e suave...

Trata-se de um diário “virtual”, de um...di@rio aberto ao diálogo, com capacidade incondicional de escuta, pronto a responder no mesmo comprimento de onda como um código comunicativo, capaz de orientar ao bem com um ar de cumplicidade temperado de sabedoria, como pode fazê-lo um verdadeiro amigo.

Uma centena de e-mail que abrangem todas as “problemáticas” de uma garota de doze anos, desde a familiar (tipo “Incompreendida por todos – Assunto: se apenas me compreendessem”) à escolar (tipo “por Esmeralda – Assunto: preferências”) à sentimental (tipo “por Bárbara TVTB – Assunto: eu traí o meu namorado”) e assim por diante. Não falta a sessão das Páginas secretas (a relação com Deus, os problemas familiares, o primeiro amor...). Faz-se apenas uma pergunta: um livro para pré-adolescentes que agrada aos adultos não encontrará a desconfiança algumas vezes intratável das pré-adolescentes? Mas vale a pena experimentar!

Primo Mazzolari – **Pai Nosso** – Paulinas 2009

Ocorre neste ano o quinquagésimo aniversário do desaparecimento do grande homem de Deus Dom Primo Mazzolari. São propostos novamente alguns dos seus últimos sermões, realizados a convite de G. B. Montini, então arcebispo de Milão, por ocasião de uma solene celebração quaresmal, embora ainda pesassem sobre o pároco de Bozzolo as advertências do S. Ofício.

Hoje, usa-se tanto, a palavra “profeta”, “profecia” a ponto de dar a impressão de estar inflacionada. Mas quem é um profeta? Aquele, em primeiro lugar, que ajuda a descobrir o Evangelho como “palavra que não passa” e a Igreja como “a casa do Pai aberta a todos”. Aqui, sente-se ainda, toda a vibração da paixão evangélica deste enamorado “contestador”, que juntamente com outros, bem no início, quando ainda o Concílio Vaticano II estava longe, despertou os leigos para a sua consciência e responsabilidade eclesial. Muitas coisas mudaram desde então, mas as páginas verdadeiramente proféticas do humilde pároco – a “trombeta do Espírito Santo”, como o definiu afetuosamente o Papa João – ainda têm alguma coisa a dizer a certo cristianismo medroso e fraco do nosso tempo.

O LIVRO - *Emilia Di Massimo*

Os efeitos secundários dos sonhos – de Delphine De Vigan

Segundo as estatísticas, as pessoas sem moradia fixa estão entre duzentas e trezentas mil, das quais quarenta por cento são mulheres; os números aumentam constantemente. Os sem-teto, que hoje incomodam tanto a sociedade, tocam a nossa vida. Podemos ficar inquietos com a sua presença ou cair na indiferença; mas há também uma terceira possibilidade: vê-los com os olhos do coração. É esta a experiência da menina de treze anos, Lou Bertignac, narradora e protagonista da história, que nos fala com suas palavras e nos mostra o seu mundo, assim como ela o vê, diluindo o problema dos sem-teto mas conferindo-lhe, ao mesmo tempo, uma rara espessura de profundidade que inevitavelmente abre caminho para a reflexão.

O romance, todavia, não enfrenta somente o assunto candente dos mendigos, mas apresenta múltiplas temáticas: uma singular amizade entre duas garotas muito diferentes; o drama familiar que provém da perda de um filho; uma inteligência brilhante que não consegue preencher a exigência de afeto; o amor que timidamente desabrocha entre dúvidas e expectativas.

Cada argumento é apresentado com a agradável visão de uma adolescente capaz de envolver em suas emoções o leitor de qualquer idade. A autora francesa, Delphine De Vigan, usa uma linguagem leve e transparente, voltando aos argumentos para ajudar a reflexão e a compreensão. O relato transcorre veloz e tem a capacidade de fazer repensar a própria adolescência de modo positivo, permitindo olhar com mais indulgência para os adolescentes atuais.

A família de Lou Bertignac vive fechada na lembrança inconfessável de uma tragédia do passado, trancafiada num silêncio opressivo.... Incapaz de criar uma relação com quem quer que seja, Lou passa a maior parte do seu tempo livre, vivendo as emoções dos outros: assiste o futebol na televisão para observar a alegria dos jogadores, espia as pessoas na rua e, principalmente, frequenta as estações ferroviárias parisienses porque naqueles lugares concentra-se a emoção de amantes que se saúdam, de famílias que ficaram muito tempo separadas, de amigos que se reencontram. Lou apresenta um cociente de inteligência superior à média, de fato, já saltou duas classes. É ligeiramente marginalizada pelos companheiros; apenas o fascinante Lucas lhe dirige a palavra e lhe manda belos sorrisos. Lucas, o belo e rebelde da classe, é tão rico que vive num apartamento enorme absolutamente sozinho.

Os professores a apreciam muito. O professor de ciências sociais pediu a todos os alunos o dever de preparar um relatório sobre um tema à escolha e expô-lo em classe. Lou fica aterrorizada com a idéia de precisar falar em público, não sabe nem mesmo como preparar o seu relatório, mas percebendo que o professor espera uma resposta sua, lembra-se improvisamente de uma garota que havia encontrado na estação, uma mendiga, e responde a ele que o seu relatório será baseado numa entrevista com uma jovem de rua. Chama-se Nolween, nome de quem leva o diminutivo Não: representa a negação do amor, de uma vida normal e a dificuldade de ter um futuro. É uma mendiga de dezenove anos.

Lou e No vão se tornar amigas; entre as duas, no espaço de um olhar, nasce uma compreensão especial que nenhuma das duas havia experimentado antes. Duas jovens totalmente solitárias, diferentes mas destinadas, de certa forma, a reconhecer-se entre a multidão da cidade. A amizade, nascida lentamente, chegará a mudar suas vidas e seus mundos. É a história dramática mas suave, de duas vidas chamadas a entrelaçar-se e, se não para salvar-se, ao menos para encontrar novas esperanças. De fato Lou decide salvar No, arranjar-lhe um teto e uma família, aquela mesma família que ela vê desagregar-se sob os seus olhos; é assim que Lou se lança contra a hipocrisia dos sentimentos dos adultos. «Somos capazes de expedir aeronaves supersônicas e mísseis pelo espaço, identificar um crime graças a um fio de cabelo, conter milhares de informações em um micro. Somos capazes de deixar morrer o povo de rua. Somos capazes de deixar que pessoas humanas vivam à margem da civilização. O que não está funcionando?». A adolescente acredita profundamente que pode mudar o que considera injusto, e luta por esta causa dispondo-se contra todos, mas sempre ao lado de No, a fim de que “o infinitamente pequeno possa tornar-se grande”. Lou e No: duas jovens que cresceram muito rápido, mas que com determinação e coragem não querem renunciar à necessidade de amar, ao desejo de transformar o mundo e de acreditar na força irrenunciável dos sonhos.

A fineza e a suavidade da autora, assim como o seu olhar, sempre pertinente e jamais invasor ao longo de todo o romance, gradualmente desvela as problemáticas autênticas presentes na trama, porque por detrás da bela história parisiense instala-se o relato de todas as solidões, não apenas a de No.

O romance é um livro sobre a solidão, não só dos adolescentes, mas também dos adultos; leva-nos a refletir sobre o mundo, sobre a vida, sobre o amor, sobre a família. Leva-nos a fazer perguntas sobre a deformação da sociedade, faz-nos refletir acerca da indiferença com a qual frequentemente olhamos para os moradores de rua, e que dificilmente definimos como “violência”, mas Lou nos sugere: «... agora sei que a violência está também no silêncio, e algumas vezes é invisível a olho nu. A violência é o tempo que cura as feridas, a sequência irredutível dos dias, o impossível retorno para trás. A violência é o que nos escapa, que cala, que não se manifesta, a violência é o que não tem explicação, que ficará opaco para sempre».

* * *

*“Pensar na própria vocação, ao se comunicar, eis o modo de proporcionar-se satisfação para a vida toda”
(Dom Bosco)*

Chegou a hora de falar

Estou um tanto desorientada.

Estou cercada de pessoas que continuamente usam palavras tão difíceis para dizer que escutaram ou encontraram amigos... que faço muito esforço para compreender.

Outro dia encontrava-me na sala da comunidade para a recreação. Já somos tão poucas, as fidelíssimas.

Depois de alguns minutos entram algumas irmãs – um grupinho – falando de alguns jovens, e dizendo frases estranhas como estas: “Eu tenho Giovanni nos meus contatos, se você quer, eu entro em contato com ele”; “Sei que Cristina me acrescentou entre os seus amigos, é um grande passo à frente, fez-me entrar no seu mundo”. BOH!!!

Uma outra irmã chega e diz: “Mas cheguei a 400 amigos em... (palavra que não sei pronunciar nem escrever espero que a intuam sozinhas) encontrei até mesmo algumas amigas minhas de escola que não via e ouvia há tantos anos”.

Pedi explicação (mais de uma vez para dizer a verdade) do que estavam falando. Disseram-me que na internet há sites nos quais você escreve o seu nome e sobrenome, coloca uma foto sua e, cada vez que quer, pode escrever o que está fazendo, ou o que está pensando. Depois, todos os que estão na sua lista de amigos podem ler o que você escreveu, podem comentar e eles, por sua vez, escrevem a respeito do que estão fazendo e você pode comentar os seus escritos.

“Lindo, não é?”. Não pude responder, jamais fiz isso. Certamente um bom pensamento, talvez o da meditação, ou a frase de uma boa leitura que todos podem ler, estaria ao meu alcance. Mas, não sou muito prática no computador. Há companheiras minhas que, apesar da idade avançada, conseguiram familiarizar-se com este instrumento. E então, elas sim é que podem experimentar compartilhar a sua meditação!?!?!?

Aconselharam-me a ler no DMA os artigos que dizem respeito à comunicação. Achei muito complicado. Não me foi suficiente o vocabulário italiano, precisei usar também o dicionário de inglês. Mas, aprender línguas na minha idade, também é demais.

Tenho porém minhas dúvidas. Algumas perguntas que não sei responder sozinha. Quero, então, partilhá-las com vocês. Mas, quem vou incluir em minha lista de amigos? E se ninguém me quer como amiga, o que faço? E, além do mais, precisar escrever o que se está fazendo, o que se está pensando. Não é nada fácil. Também porque, todos leem.

Este tempo para a comunicação é, porém, desconcertante. Antigamente se alguém quisesse saber o que os outros estavam fazendo era chamado de “indiscreto”, agora ao contrário, está “de acordo com os tempos”. Será? Certamente os tempos mudaram demais.

Até a próxima.

NO PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ: **Cenáculo aberto** à história e às histórias de ontem e de hoje

PRIMEIRO PLANO: **As mulheres na Palavra** Transformadas pelo amor

EM BUSCA: **Polis** Terra Mãe Terra

COMUNICAÇÃO: **Jovem.com** Web Radio

AS ESTRADAS



AS ESTRADAS DA PALAVRA: **A MISSÃO**

“O que vos falo às escuras, dissei-o em plena luz; e o que ouvís sussurrado ao ouvido, proclamai-o sobre os telhados”

(Mt 10, 27)